

EVOLUÇÃO DO AMOR

O Doutor Leonel de Souza
Dono de terra e dinheiro,
Trazia a cabeça em fogo,
Hora a hora, dia inteiro.
Tinha uma filha somente,
A jovem Ana Maria,
Que lhe dera ao coração
A presença da alegria.
Ela, porém, namorava
O jovem Joaquim Mutamba,
Sempre juntos, noite a noite,
Lembravam corda e caçamba.
Sabendo que os dois se amavam
Com manifesta loucura,
O pai ficou alarmado
E disse à filha, insegura:

— “Ana Maria, você
 Não mais procure Joaquim,
 Considere o seu romance
 Um caso que chega ao fim.
 Largue, filha, enquanto é tempo,
 Esse Joaquim do pé torto,
 Um varredor de cinema
 Não tem onde cair morto...”
 A filha pediu, no entanto:
 — “Pai, rogo à sua bondade,
 Quero casar com Joaquim,
 Já temos intimidade!...”
 O velho esmurrhou a mesa,
 Dando mostra de machão,
 E asseverou, irritado:
 — “Não aceito, não e não!...”
 O pai buscou, no outro dia,
 Um famoso pistoleiro...
 Queria um tiro no moço,
 Pagaria bom dinheiro.

O pistoleiro, maldoso,
 Que era pobre, muito pobre,
 Comunicou ao cliente:
 — “Sinto fome do seu cobre...”
 Semana passa semana,
 E o pistoleiro com jeito,
 Derrubou Joaquim, a tiros,
 Num crime duro e perfeito.
 Ninguém viu a cena triste...
 No povo, apenas mumunhas.
 Buscou a polícia, em vão,
 Informes e testemunhas.
 Ana Maria chorou
 Por muitos e muitos dias,
 Parecia torturada
 Por íntimas agonias...
 O pai cercou-a de mimos,
 Sentindo arrependimento
 E a moça continuava
 Toda entregue ao sofrimento...

Notei com grande surpresa
 Que ela trazia de lado,
 Em todo passo do dia,
 Mutamba desencarnado.
 Quatro anos se passaram...
 Veio o estouro de repente;
 A jovem Ana Maria
 Teve um novo pretendente.
 Era um rapaz educado,
 Um competente engenheiro...
 O pai fez o casamento
 Gastando muito dinheiro.
 Morrer não fora vantagem,
 De coração renovado,
 A moça trouxera à luz
 O primeiro namorado.
 Decorridos onze meses
 Surgiu a reviravolta...
 Um pequenino nasceu...
 Era Mutamba, de volta.

Tudo era festa em família,
 Felicidade, alegria...
 O genro e o sogro, contentes,
 Beijavam Ana Maria.
 O pequenino ante o seio
 Sugava o leite com gana
 E eu ficava refletindo
 Nas tricas da vida humana.
 O avô, vendo o neto ativo
 Parecendo esfomeado,
 Exclamava, todo dia:
 — “Eta, menino danado!...”